



**História Oral**

## **Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIAP+**

**Jhonata Nascimento**

**Data:** 25/05/2021

**Entrevistado:** Jhonata Nascimento

**Time:** Barcemonas

**Entrevistadores:** Ligia Dona, Dóris Régis

**Local da entrevista:** São Paulo/SP –  
Ananindeua/PA – Teams

**Tempo de vídeo:** 1:17:18

## Transcrição

### [INÍCIO DO ARQUIVO]

Dóris Régis – Vou tentar entrar pelos dados móveis para ver se melhora.

Ligia Dona – Tá bom, amiga. Oi, Jonathan, você escuta a gente? Seu microfone está desligado.

Jhonata Nascimento – Pronto. Deu para... Escutaram o que eu estava falando?

Ligia Dona – A gente escutou até a parte da mini mascote e enfim, você estava falando que era muito legal a reação das crianças e tal, mas só para te avisar que já começou a gravar. Então vamos fazer assim. Eu vou fazer a introdução e aí você, enfim, aí gente bate no fone. Aí você conta...

Jhonata Nascimento – Tá, vou seguindo no ritmo.

Ligia Dona – Isso. O que você achar pertinente. Então, vamos lá. Hoje é dia 25 de maio. Estamos aqui às 3h21... 25, né, gente? Meu relógio está errado. E a gente está iniciando mais uma entrevista do Diversidade em Campo: Futebol LGBTQIA+. Dessa vez nós vamos entrevistar o Jhonata do Barcemonas. E obrigada por ter aceitado o convite, Jhonata. Eu queria que você começasse se apresentando, falando seu nome completo, quem você é e enfim, o que você achar pertinente.

Jhonata Nascimento – Tá bom. Oi, meninas, boa tarde. Boa tarde, gente. Então eu sou Jhonata Nascimento. Aqui em Belém, no futebol LGBT, eu sou mais conhecido como Vassourinha, que é meu apelido no futebol. E eu faço parte da diretoria do Barcemonas. Eu sou o secretário de Finanças e também sou jogador. Mas atualmente me deram a função de eu colocar essa personagem aqui em vida, que é a Monacletty. Então sou bem multiuso no meio do time Barcemonas. De vez em quando... Agora vai ser mais difícil eu estar entrando para jogar porque a minha função é ela quando a

gente vai para jogo. Levar mais ainda a diversão, descontrair as pessoas, alegria, muito close. E assim, atualmente, o time é composto por 30 LGBTs, entre trans e homossexuais. Tem também alguns bis. Em relação a heterossexuais, a gente não descarta a possibilidade. A gente aceita, só que aquela coisa: é só para jogo. Porque o time mesmo é inclusivo, mas inclusivo para LGBT. A gente não descarta a possibilidade de hétero jogar no meio. Não, a gente aceita, mas é só para jogo. Dentro do time, a gente só não inclui. Porque é voltado só para o público LGBT. A inclusão. Entendeu?

Ligia Dona – Sim. E deixa eu te perguntar quando e onde você nasceu?

Jhonata Nascimento – Eu sou de Belém do Pará. Eu nasci em 96, tenho 24 anos. No time Barcemonas eu tenho três anos. Eu entrei em 2018.

Ligia Dona – E o que você faz assim, fora o Barcemonas, que já é muita coisa, mas o que você faz da vida? Sua ocupação ou se você estuda, enfim.

Jhonata Nascimento – Então, no momento, eu trabalho como autônomo. Eu ajudo meu tio de camelô em beira da avenida que ele tem a lojinha dele. Mas não é todo dia. Alguns dias da semana somente. Em relação aos meus estudos eu já terminei o ensino médio. Agora estou correndo atrás para eu galgar um futuro melhor, um superior ou universidade, enfim. Deus quiser vai dar certo.

Dóris Régis – Agora é minha vez. Conta para a gente um pouco sobre a sua infância. Onde você cresceu? Como foi a sua adolescência? Esse aqui é o momento Xuxa, a gente quer saber mais sobre a sua história [risos].

Jhonata Nascimento – Ai adoro [risos].

Dóris Régis – E se você quiser falar um pouco sobre sua relação com futebol na infância e na adolescência também, fica à vontade.

Jhonata Nascimento – Então gente, eu desde criança, não vou falar que... Eu gostava de meninas. Mas aí a partir de um tempo eu vim me relacionando com meninos, vim descobrindo ainda mais o que realmente eu queria na minha orientação sexual. Eu

sempre gostei de futebol, principalmente de brincar em rua. Voltando para esse lado do esporte com os meninos, com as meninas. Eu sempre morei, na maioria da minha vida até hoje, em Belém, com minha família. Minha mãe e meus irmãos. Mas a gente já morou em Ananindeua, que é a cidade vizinha. E assim, foi muito boa. Uma infância que eu queria voltar atrás várias vezes. Tanto em escola, quanto em rua... Muitas diversões em tudo que eu conheci. Para mim ainda sou uma criança até hoje que eu adoro alegria, eu adoro o rir, eu adoro palhaçada, adoro me descontraír. Adoro quando eu vejo crianças em aniversário ou então eu vou, aí tipo assim eu tento fazer alguma brincadeira, palhaçada para agitar. Então eu, nossa, se eu pudesse voltar no tempo, eu ia amar. Na escola, principalmente de estudos, conhecer pessoas, né, até hoje ter amigos. Então, assim tudo isso é muito bom relembrar. Eu sou muito grato pela vida que eu tenho. Não foi fácil. Sofri muito bullying, homofobia, em decorrer que eu fui me descobrindo. E passei ali a transição do hétero para o LGBT. Eu não vou falar que... Eu acho mulher bonita, mas eu não me atraio mais. Eu tenho namorado, graças a Deus, um companheiro ótimo, hoje em dia maravilhoso - que eu pretendo casar. Mas eu sofri bastante, com certeza, ainda mais por eu ser magro. Então era um peso a mais. Eu sempre fui magro. Eu sempre fui magrinho, sempre fiquei na faixa etária dos 55 entre 50 quilos e isso também foi um que me bateu mais. Até hoje ainda sofro assim, mas eu não ligo muito. Eu falo que eu já aprendi, eu já tenho minha cabeça bem madura. Então, tipo hoje em dia, o que vem assim de ofensa, de xingamento, seja em qual for o sentido, eu nem ligo. Eu vivo a minha vida, eu quero ser feliz. Então, se quiserem falar que falem, eu não vou ligar. Lógico que vai ter certos momentos que eu vou precisar me impor a fazer algo ali que a pessoa me desrespeito, quando ela ultrapassa o limite. Mas fora esse o limite, quando não chegar, eu não tô nem aí, eu nem ligo. Eu quero viver minha vida, quero ser feliz, quero amar minha família, quero me amar, amar meu namorado... São as coisas mais importantes para mim. Mas sofri. Aprendi, ainda tenho muita coisa para aprender, né? E o mundo é isso. A vida é curta, a gente tem que aproveitar ao máximo e não ligar para as coisas ofensivas, coisas bobas. Senão a gente não vive nossa vida, só liga para os outros.

Dóris Régis – Jhonata, como você começou a se interessar por futebol? Alguém te influenciou? Foi na escola? Como é que funcionou essa relação?

Jhonata Nascimento – Eu sempre amei esportes. Eu amo esportes. Eu amo assistir, eu amo jogar. Independente, eu falo que eu sou apaixonado em voleibol e eu sou. Eu não sou apaixonado por futebol, mas voleibol já é uma coisa totalmente diferente. Eu amo mesmo. Mas eu amo qualquer tipo de esporte. Eu amo paraticar, eu amo me exercitar. Então assim no fato do futebol, pode-se dizer que foi ali naquela brincadeira de rua, com colegas rua, vizinhança. Nossa, sempre eu me matava ali, chegava em casa ralado, mas eu queria fazer um gol, queria... No meio dos meninos, entendeu? Então eu queria brincar, xingar, chegar todo suado, molhado e apanhar da minha mãe. Mas eu me divertia a tarde toda no futebol, na rua. Na escola também era a mesma coisa. A matéria que eu mais amava era a educação física. E quando chegava os jogos internos, nossa, aí meu Deus. A gente se acabava, me juntava com os meninos. Eles: Jhonata, "bora" [sic] para o nosso time de futebol, futsal. Só que eu não entrava para jogar, eu tava assim... Eu tinha aquele certo receio de eu fazer alguma besteira e cair tudo sobre mim. Então eu ia para o gol e eu sabia agarrar. Mas hoje em dia eu não jogo no gol, jogo na linha. Então, nossa, eu amava. Assim eu me descobri ali. O futebol foi vindo para mim ali na rua, na escola. Eu sempre me identifiquei com o esporte. Eu amo assistir Olimpíadas, eu vibro a qualquer custo, eu choro. Então eu me... Para esporte mesmo eu me jogo de coração. Porque é uma coisa que eu amo, nossa. Vai ficar marcado qualquer detalhezinho até hoje. E domingo passado então que foi um domingo histórico que a gente teve jogo. Foi. Foi perfeito. Eu fui iluminado. Imagine. Eu fiz o único gol do jogo e no finalzinho, nossa. E a nossa torcida veio ao delírio. Para mim, certos momentos são perfeitos, únicos, que eu não gosto de trocar por nada. Esse momento simples, diversão que para mim é o luxo da vida. Com pessoas maravilhosas!

Dóris Régis – Contra quem foi esse jogo?

Jhonata Nascimento – Então, domingo a gente foi para cidade de Vigia. É uma cidade do interior aqui do Pará e a gente jogou contra o time LGBT da cidade de Vigia, que são

as Brasileiras, e foi 1 a 0. Na verdade era para ser dois. Mas a partir do momento em que saiu o gol, o meu, que foi de cabeça. Aí um rapaz fez o outro gol, o outro atacante. Que eu entrei no ataque, deixei a Monacletty. Eu fui para o jogo e estava precisando trocar o gay e eu estava muito confiante. Sabe um dia assim iluminado que eu tava... A gente se sente, a gente percebe que algo ali vai mudar? Eu fui lá para o nosso presente: me coloca que eu quero entrar. Ele: tu tem certeza? Eu tenho, alguma coisa vai ter que mudar nesse jogo. Aí ta: eu vou te colocar vou tirar a do meio, mas tu pede para a atacante descer - que ela também faz meio, que fica ali no ataque. Beleza. Aí eu fui. Uns três depois eu fiz o gol de cabeça. Foi o cruzamento de um nosso outro atacante, quase lá no escanteio. Nossa, foi um delírio. Porque o jogo estava muito quente. Imaginem uma final de Copa do Mundo, um final de campeonato entre times LGBTs, que aqui tem muitos. E em campo tava fervendo, estava quase para sair briga, mas não aquela briga horrível. Mas sabia que aquele fogo, aquela faísca de jogo? Nossa, estava horrível. Aí um time dava close para o outro e tal. Aí fiz o gol. Aí, uns dois minutos depois do meu, aí eu fui fazer... Era um escanteio. Aí eu fui também fazer outro gol de cabeça, raspou em mim. Aí o goleiro deles me deu com as duas mãos na minha cabeça, ele não pegou a bola. E a bola sobrou para trás. Nosso menino que desceu para o meio, trocou comigo e ele fez um golaço de primeira. E o juiz, como era delas, então ele anulou o gol. Mas foi gol legítimo e a falta foi em mim. Mas enfim, tudo bem e acabou 1 a 0 e foi perfeito. Foi um domingo maravilhoso. E em breve tem mais. A gente sempre faz isso, sabe? Passeios aqui no Pará. Na capital, na região metropolitana, que inclui quatro municípios que a gente chama de região metropolitana, não tenho muito time aqui LGBT. Só o nosso, que é da cidade de Ananindeua. Tem outro aqui de Belém, mas ele é meio parado. E outro de Santa Bárbara, que inclui na região metropolitana, só que é meio parado também. Aí a gente já faz mais jogo para o interior que nos interiores que tem times LGBTs. Se acho que eu posso contar assim time de campo? 10 times. E são só times bons, gays mesmo, trans, que jogam futebol na... Talentosas. Então a gente tem um próximo agora em junho. A gente faz uma vez por mês. Isso quando dá, quando não fica muito pesado para gente. Agora por aqui, pela região metropolitana, a gente joga mesmo contra times masculinos. A gente antigamente jogávamos contra time feminino, a gente pegava

todo aquele preparo, aprendeu tudinho, sabe? E a gente já não joga mais. Não é por questão de nada, nenhum preconceito. A gente já deixou as meninas de lado, até mesmo para nossa força, nosso corpo, para gente não machucar elas. Que hoje em dia a gente já é mais, já sabe mais, já tem mais técnica, já é mais encorpado. Agora a gente enfrenta por aqui os times mais masculinos, na região metropolitana. E que também é ferro com aço, que não aceitam perder de jeito nenhum para time gay.

Dóris Régis – Imagino. E além de jogar bola, você torce para algum time? Você acompanha o futebol na televisão?

Jhonata Nascimento – Sim, eu super gosto. Mas assim, é difícil, às vezes eu vejo mais resultado porque, aí eu não quero ficar naquela... Aí eu já sei como vai ser, então não quero me estressar com o jogo. Eu não quero, ai meu Deus, caiu. Vou ver só o resultado final. Antigamente eu ainda parava para assistir quando é o Campeonato Paraense ou o Brasileirão. Mas hoje em dia não, eu vejo só o resultado. Eu não quero ficar naquela animação, na "ansiosidade" [sic], porque também não quero me estressar na televisão. A gente fala um monte de coisa olhando para televisão. "Bora" [sic], toca bola, faz isso. Aí eu não: deixa eu me ocupar com outra coisa, depois eu vejo o resultado. Aí aqui no Pará eu sou o Paysandu. No Brasil eu sou Santos. Então, e lógico, agora quando é nossa seleção eu assisto mesmo, não perco nenhum.

Dóris Régis – Legal. Qual que é a sua lembrança mais antiga de futebol? Pode ser uma lembrança pessoal sua dentro desse meio? Ou pode ser uma lembrança também de você assistindo a algum jogo, sabe? Alguma coisa memorável assim. Qual é a mais antiga que você lembra?

Jhonata Nascimento – Nossa... Aí eu lembro. Mais antiga. E depois vou falar uma bem marcante, que é bem legal. Uma mais antiga foi, acho que foi a primeira Copa. Eu não me recordo de ter lembranças da Copa de 2002, mas de 2006 sim. Que eu vi a primeira vez assim o Brasil e que foi contra... Eu vi contra a França e foi justamente o jogo que perdeu. Ali foi, eu entendi mesmo, foi em 2006... Eu não lembro exatamente quantos anos eu tinha, mas eu era bem criança. E eu morava para Ananindeua, num bairro

super perigoso. Então ali foi muito top e a comunidade ali... Era horrível na época. A rua não era asfaltada, era só lama, tudo humilde, tudo pobre, sabe? Então, mas colocava uma televisão fora e vinha toda aquela comunidade. Se sentava [inaudível], era fogos e torcia. E eu vendo tudo aquilo. E eu comecei a me apaixonar. Aí saía um gol. Era uma gritaria, era fogos e a rua cheia de bandeirinha e pessoal tudo vestido de Brasil. E eu queria pintar minha cara de verde, amarelo e azul. Então, nossa, ali aquele de 2006, a Copa, me foi uma coisa bem antiga mesmo, que eu me lembro e que foi uma das primeiras. Eu comecei já a entender o futebol, que eu me apaixonei e foi ali no Brasil que foi inesquecível. Agora sim, uma bem marcante foi do Paysandu aqui que foi da Copa Verde. Aí era a final contra o Cuiabá e foi lá em Mato Grosso. Esse jogo eu estava na casa do meu tio. E lá nessa casa dele que ele não mora mais hoje, tinha uma escada, só que tinha que empurrar o telhado que era de telha Brasilit. Aí... E foi para os pênaltis. E lá estava 4 a 4. Aí depois foi 5 a 5 e era alternado. Quem fizesse já era campeão, o outro que errasse perdia. Então naquela aflição. E cada gol que o Paysandu fazia eu subia essa escada, eu abria o telhado e eu gritava ali de cima. E estava só eu. E tem a principal, mais lá embaixo aqui do bairro do Castanheira, onde eu moro. Aí tem a principal. Eu gritava ali e o povo tudo berrava na principal. Aí cada gol eu fazia isso. Aí eu fechava e voltava, assistia. Eu: não, não, não, erra. O outro time. Erra. Aí eles acabavam fazendo. Aí cada gol ia lá do Paysandu e gritava. Aí até que o Paysandu perdeu, perdeu esse pênalti. Nossa, eu subi aquela escada. Eu fui com um ódio, eu quebrei a telha todinha. Eu não queria mais empurrar. Eu: sai, telha daqui. E eu chorei muito, não acredito [risos]. E eu quebrei a telha e depois eu me lembrei que a telha era da casa do meu tio. Ele ia me obrigar, ele ia me bater. Imaginem só... Nossa, gente. Aí deixa eu ver se eu consigo consertar, pelo menos arredar um pouquinho para fingir que não quebrou. Ai, ali foi... Não esqueço até hoje.

Dóris Régis – Ele brigou com você? Ou ele também estava superchateado e nem ligou?

Jhonata Nascimento – Não, é que só estava eu. Aí ele chegou depois. Acho que ele nem percebeu. E se ele percebeu ele não me brigou. E meu tio ele me ama. Não é que



ele passa a mão na minha cabeça, mas ele deixou para lá. Era só um pedaço. Ele consertou, conseguiu uma outra e colocou lá.

Dóris Régis – Voltando ao futebol assim, a sua experiência com futebol. O Barcemonas é o primeiro time que você joga ou você já tinha jogado em outros antes?

Jhonata Nascimento – Sim, eu conheci o futebol LGBT em 2018. A partir de junho, pela rede social de um amigo meu do vôlei. Eu vi que ele jogava no Barcemonas e eu amava futebol, eu super me identifiquei. Eu sempre tive o sonho, gente, de entrar para algo LGBT com o que eu desse o meu melhor, com que eu mostrasse, com que eu fizesse daquilo que eu sou alguém, que eu sou uma pessoa normal e que eu lutasse com outras pessoas para fazer aquilo valer a pena. Eu sempre amei, sempre tive vontade. Eu vou fazer parte disso, eu vou lutar por essa causa, porque eu não sou qualquer coisa. Então, quando eu vi o Barcemonas, me apaixonei. Através desse meu amigo do vôlei. E eu consegui o contato... Só que o meu primeiro jogo com Barcemonas foi contra. Que aqui no bairro antigamente aqui rolava vôlei demais. Então as gays também daqui jogavam futebol. E eu acabei marcando contra as Barcemonas, elas vieram e jogaram aqui numa sintética perto de casa. E foi contra. Aí foi 10 a 6 para o Barcemonas. Então aí acabou nem tendo o jogo de volta, que seria para Ananindeua. Aí depois de um tempo eles gostaram, super amaram. Entrou eu e mais outra gay para o time. Só que ele não quis mais ficar. E eu queria e eu fiquei, estou até hoje, quero ficar para o resto da minha vida. Então, mas assim, eu conheci primeiro o Barcemonas. Depois de um tempo, eu conheci o Divas, que é o time de Belém. E eu joguei no Divas Futebol Gay. Só que eu sempre deixei claro para a presidente do Divas que minha prioridade é o Barcemonas, porque foi o primeiro time que eu encontrei. Mas que eu jamais iria igualar um time com outro, é totalmente diferente. Barcemonas é um, Divas é outro. Porque assim, querendo ou não, vocês não sabem, mas rola aquela rivalidade. E eu digo assim, principalmente do time daqui de Belém, das Divas, porque antigamente elas eram as mais visadas, as mais faladas. O Barcemonas, ele veio a ser mais visado, mais falado de 2019 para cá, que foi todo aquele crescimento. O Divas não, foi... E ambos têm dez anos de existência, os dois times. O Divas ele já era mais

falado ali naquele, meados de 2012 até 2016, e depois disso tipo assim morreu. Entende? Então, digamos, a presidente delas é aquela que tem toda aquela ignorância, toda aquele se achar, aquele nariz empinado. E até hoje com a gente. Já rolou o jogo entre a gente Divas e Barcemonas. A gente ganhou os dois jogos delas. Elas não aceitaram, inclusive deve até aposta para gente, que era de R\$500. Mas enfim, então a gente tratou elas superbem, mostrou quem somos as Barcemonas, que a gente sempre preza por isso. A gente fala: meninos, o que a gente deve levar por aí é humildade e respeito. Então a gente não quer ser melhor que ninguém, mas muitos pensam que a gente é isso. Mas só que quando a gente um dia fala, um dia a gente vai ali e vai mostrar que a gente não é isso. E a gente não é. A gente gosta mesmo de levar é alegria, de levar respeito, humildade. A gente sempre zela. Então eu joguei no Divas, mas eu não fiquei por muito tempo. E antigamente e até hoje, na verdade, elas só jogam arena. É muito difícil jogar em campo. Aí o Barcemonas não, joga mais campo. Mas assim, todos esses times aqui do Pará os jogos são diversos, jogam campo, arena, sintético, quadra. E foi só esses dois times que eu conheci. Aí assim no início de 2019... Até abril. Aí eu deixei mesmo o Divas. Eu vi que ia ser aquela confusão e eu não gostava daquilo. Estavam brigando por uma coisa que era para se unir. Então eu fiquei mesmo de lado do Barcemonas, a gente... Então "bora" [sic] focar no nosso, deixa elas para lá. E até hoje a gente não dá ibope. Então deixa ela expressarem o que quiserem, falarem o que quiserem. "Bora" [sic] fazer só o nosso, fazer o nosso [inaudível], para o nosso público, que é o principal. E foi só mesmo esses dois que até hoje estou no Barcemonas.

Dóris Régis – Legal. Para finalizar essa primeira parte, esse primeiro bloco, eu tenho uma pergunta relacionada ao futebol profissional. O que você acha dessas ações que os times e as federações de futebol têm feito contra o preconceito? Você acha que elas têm alguma efetividade? Você acha que elas ainda precisam melhorar bastante? Qual é a sua visão?

Jhonata Nascimento – Olha a minha visão, eu vou ser bem sincero, puxado para o modo em geral. Eu acho que querendo ou não, eles fazem a fachada deles. Mas eu não

acho que... Não é que é verdadeiro. Eu acho que é. Mas o público que não muda, que não vê aquilo como uma coisa normal. Eles tentam sim ajudar. Alguns eu acho que é fachada que só colocam mesmo para... Ah não vou, só para dizer que eu coloquei, para depois não dizerem que a gente não gosta de LGBTs. Mas outros, eu vejo que é sincero, alguns clubes. Mas assim o público mesmo, a torcida ali, local, organizada é que não respeita mesmo, é que já tem aquilo, aquela falta de educação em si, já tem aquela mente fechada, não abre para conhecer, para ver que o mundo está criando novos horizontes. Pra mim, tá no meio termo a alguns. Eu acho que é bem legal, bem, muito bacana fazer ações para o lado LGBT para mostrar mesmo, eu vejo “verdadeirismo” [sic]. Mas outros eu vejo que não, é uma fachada só para mesmo para fazer uma capa. No meu ver.

Ligia Dona – Jhonata, agora eu voltei para perguntar um pouquinho mais do Barcemonas. Eu queria que você... Você comentou que tem dez anos de existência, então queria que você comentasse um pouquinho da fundação. A data, se você tiver a data certinha da fundação, seria bom para a gente também.

Jhonata Nascimento – Tá bom. O Barcemonas foi fundado dia 5 de abril de 2010 e através... Lá na época tinha o nosso presidente, que até hoje é o mesmo. E tinha também outras gays veteranas que até hoje tem umas duas. Mais o nosso presidente. Então eles de tanto ver as meninas do bairro de Ananindeua jogarem futebol, eles se interessaram. Então: ah, "bora" [sic] marcar um jogo contra as meninas e foi, e foi marcando. Aí gente, "bora" [sic] fechar um grupo? Está sendo uma coisa muito legal, muito gostosa, um entrosamento, uma união. E aí fechou. Só que na época o nome era a Maluquinhas. As Maluquinha Futebol Gay. Então fechou nisso. E era coletes verdes, era arena sintético, mais aquela coisa descalça. E rolava o ataque com as meninas assim mesmo. E foi, foi. Até que em 2014 entrou o Arthur, que é o nosso vice-presidente e teve uma renovação de nome. E através dele, como ele era muito fã do Barcelona, do Ronaldinho, e ele assim queria inovar, trazer o Barcemonas. Ele gostava de Barcelona e o "Mona" que é para o lado LGBT. Então fazer uma união aí de Barcemonas. E até hoje ficou o nome Barcemonas. E ele até também hoje está junto

com a gente. Ficou nisso, e a gente vai até. A gente tipo, atualmente, fizemos 11 anos, que foi dia 5 de abril passado. A gente vai comemorar em agosto. Deus quiser, com uma festa belíssima.

Ligia Dona – Adorei. E você falou que o presidente que fundou o time em 2010... 2010 né? É o mesmo e aí falou do vice-presidente. Então me fala um pouquinho dessa hierarquia do Barcemonas. Quem é o presidente, quem é o vice? Aí você falou que você também é o secretário de Finanças, se eu não estou errada. Quem é que cuida das redes sociais, enfim, das outras funções do Barcemonas?

Jhonata Nascimento – Sim. Tá bom. Tem o nosso presidente que é o Levy Souza. Aí vem o nosso vice-presidente, que é o Artur Menezes. Aí vem o Everton, que é o assistente da rede social. E Eu sou o Jonathan Vassourinha, o responsável do... O secretário de Finanças também. E assim, sobre o nosso Facebook, nosso Instagram, eu fico responsável pelo Instagram, o Artur pelo Facebook. Mas ali é tudo, a gente... Quando um não tem tempo, um vai lá e mexe, quando o outro não tem, um mexe na rede social do outro, um ajuda o outro. Tudo o que a gente quer postar, a gente mostra um para o outro. Gente, tá bom assim? A gente vai postar essa foto, a gente vai postar esse texto. Tudo a gente ajuda um ao outro. A nossa direção, graças a Deus ela é muito entrosada, tem muita união. Tem briga sim, tem. Mas é para nossa melhora do time. E é esse time... Primeiro veio o Levy, depois veio o Arthur, depois veio eu e depois o Everton. Tanto na sequência de chegada do time, quanto num cargo de direção.

Ligia Dona – E deixa eu te perguntar: se alguém quiser jogar no Barcemonas, mandar uma mensagem para vocês, qual é o procedimento? Tem que passar por um jogo, tem que só colar e já está dentro do time?

Jhonata Nascimento – Então, a gente é superaberto. A gente não tem... A gente não é um clube, como tem outros times no Brasil que são, que eles já falam que são clubes, já tem todo aquele processo de psicólogo e de treinador. Aqui no Pará é diferente, é bem mais difícil. Mas a gente consegue ir bem mais além, graças a Deus. Mas com o

nosso suor, dinheiro que sai do nosso bolso. Porque ajuda é bem difícil. E assim, a gente é superaberto. A gente não admite, não tem esse negócio. Então você tem... Tem pessoas que chamam a gente pelo Instagram, a gente conversa, explica como é que funciona, né? A gente pergunta a função. O principal que a gente quer é responsabilidade e compromisso com o time, com a causa, que é o principal. E com a união. Aí a gente libera um tanto de jogos para teste, a gente cita uns três jogos. Então você foi naqueles três jogos seguidos, mas logicamente que depois do terceiro vai faltar direito? Não. A gente quer ver seu interesse, seu retorno com a gente. Para somar, a gente quer LGBTs para somar. Então, se está mostrando incrível para a gente aquele retorno muito bom, a gente fecha no grupo do WhatsApp. Que para poder mostrar mesmo o interesse, a gente coloca no grupo depois e dali vai até onde aguentar. Que não é fácil.

Ligia Dona – E onde...

Jhonata Nascimento – Tem também os nossos contatos de WhatsApp, tem também gente que entra pelo Facebook, fala com a direção. Mas tudo tem que passar pela direção do Barcemonas.

Ligia Dona – E onde vocês costumam jogar e treinar, Jhonata? E quais são os dias assim? Qual a frequência?

Jhonata Nascimento – Sim. Então, sobre treinamento, a gente não tem treinamento, a gente não tem local. Infelizmente, hoje, até hoje a gente não teve essa ajuda de ter um local fixo para treino, seja se fosse em uma quadra, numa arena, numa sintética ou em um campo. Qualquer lugar iria ajudar o nosso desenvolvimento. E fora também que a gente não tem material... A gente tem bolas, lógico que a gente lava para jogo. Mas assim, aquele material todo de treinamento e de exercícios ainda também não. A gente corre atrás, até hoje a gente corre. Um dia a gente vai conseguir. A gente não desiste de dar isso para os nossos atletas. Mas a gente ainda não tem esse treinamento, até mesmo o treinador a gente não tem. Quem conduz a gente em campo é o nosso presidente, que é o Levy. E assim... Ah, me desculpem. Ah, sobre o

jogo... E aí segue, a gente faz jogos. Digamos um mês a gente faz quatro jogos, mas nem sempre a gente faz quatro. A gente faz três. Às vezes, dois. Quando é passeio, porque é muito pesado os gastos, a gente faz só dois passeios. Quando não a gente faz jogos pela região metropolitana, uns quatro no mês, um em cada semana. E ali que é nosso treinamento, ali que é nosso tratamento, ali que a nossa união vai crescendo, ali que a gente se encontra, ali que a gente ri. E esse que a gente chama de nosso treinamento e de se entrosar. De cada uma mais conhecer o futebol da outra, de fazer mais gols. De uma xingar ou então puxar a orelha da outra para fazer aquilo. É só em jogos, em jogos. Não tem muito treinamento.

Ligia Dona – Tá. E deixa de perguntar. A gente teve aí 2020, começou a pandemia. Imagino que vocês devem ter parado durante um tempo. E quando foi que vocês voltaram a jogar?

Jhonata Nascimento – Nosso último jogo em 2020, foi bem antes mesmo da pandemia, no início de março. E foi um jogão. Inclusive, só que a gente perdeu, se não me... Foi de 1 a 0. Aí depois a gente deu uma pausa. Não, mintto. Aí a gente fez um RePa que é clássico Remo e Paysandu. A gente traz, quem é Remo, joga no time do Remo. Quem é Paysandu, faz um grupo do Paysandu e a gente joga entre a gente mesmo, nosso time e faz ali aquela diversão, aquela brincadeira. Aí teve isso no meio de março e depois veio a pandemia. Pegou, a gente parou. E quando foi no final de junho, a gente fez um jogo. E meio que estava liberado. Mas a gente foi e fez com todos os procedimentos que necessitam, todo os cuidados. E em julho a gente parou. Em agosto a gente fez uma viagem que já pode aqui. E em setembro a gente parou. A gente fez outubro um jogo, um amistoso contra um time LGBT que veio até nós, a gente recebeu. A gente trabalha com jogo de ida e volta e ele veio até nós. E também foi um amistoso preparatório pré-Manaus. Aí, no final de outubro a gente foi para Manaus, que foi 1 a 1 lá contra as BallCats, time LGBT lá do Amazonas. Vai ter o jogo da volta ainda que será em Belém. Mais para frente, no máximo ano que vem, no primeiro semestre. E depois disso a gente fez mais duas viagens em novembro, duas no mesmo mês no interior do Estado, com times gays diferentes. E em dezembro a gente fechou

recebendo uma desses times LGBTs que a gente foi. Aí pronto, e automaticamente foi um jogo e nossa confraternização junto com eles. Aí 2021 a gente iniciou indo para o interior visitar o time LGBT que a gente recebeu em outubro, num prédio de Manaus. E fevereiro a gente deu uma parada. Março, a gente fez um jogo, se não me engano. Abril também. Que quando foi em março... Gente do céu...

Ligia Dona – Que foi? A gente está te ouvindo.

Jhonata Nascimento – Desculpa, elas brigaram aqui. Aí gente. Desculpa.

Ligia Dona – Imagina. Você quer parar a entrevista?

Jhonata Nascimento – Não, não. Eu vou continuar.

Ligia Dona – Tá bom.

Jhonata Nascimento – Então, aí, quando foi em março, aqui no Pará, o “bandeiramento” [sic] ficou no lockdown. Só que a gente fez um jogo antes desse lockdown. Então teve lockdown depois, aí depois foi para o vermelho. Mas aí não poderia esporte coletivo. Iniciou abril no vermelho. E assim, da metade de abril para frente, já passou para o laranja aqui e aí já pode voltar para o esporte coletivo. Aí a gente fez um jogo no final de abril. E, deixa eu ver, teve o domingo passado, a gente fez um. Mas esses dois domingos, retrasado e “ante retrasado” [sic], a gente também fez dois jogos, um jogo cada domingo. Então aí agora a gente parou. A gente vai dar uma pausa porque já teve bastante gasto. A gente está vendo uma viagem para junho para o interior para enfrentar outro time LGBT, no qual a gente ainda não foi. Mas não é nada certo. Mais em julho tem uma viagem já com data marcada, que vai ser um jogo, um encontro “babadeiro” [sic] também. E é bem longe, no final do Estado, horas e horas de viagem. Bem cansativo, mas vai ser muito bom. E foi isso, nossa agenda assim. A gente se super respeitou, graças a Deus. Orientamos nossas monas para estarem em casa, para cuidarem de si, cuidar de seus familiares. Só saímos mesmo ali quando a gente tinha uma brechinha, aí gente ia lá fazia um jogo para matar aquela saudade. Mas automaticamente a gente já voltava.

Ligia Dona – Beleza. Deixa eu te perguntar, Jhonata, você consegue voltar a câmera ou não vai rolar?

Jhonata Nascimento – Aí perdão.

Ligia Dona – Não, tudo bem. Imagina. É só porque senão... Se não rolar também tudo bem. É só para a gente... Eba. Deixa de perguntar: como que vocês fazem todas essas viagens? Como que vocês se organizam financeiramente? Vocês têm patrocinadores? Ou é por uma contribuição que cada um dos jogadores faz? Enfim.

Jhonata Nascimento – Sim. Sobre as viagens, a gente freta um ônibus e daí a gente passa o valor X da viagem. Aí a gente dá o direito de café da manhã, de almoço, só que também não sai da gente. A gente fecha com o time adversário. Que, digamos, a gente vai para o... A gente foi para vigia e é assim que funciona: a gente leva o café da manhã, dá para nossas monas e para os nossos torcedores. A gente freta um ônibus de 50 lugares. A gente fecha, dá o café da manhã para eles, por nossa conta. O almoço a gente fecha com o time adversário. Eles dão para a gente, para o nosso ônibus todinho, entendeu? Além dos atletas deles lá. E eles têm que conseguir o campo, eles têm que conseguir o árbitro. Então, só fica por nossa conta pagar o ônibus com dinheiro das pessoas. Digamos, esse foi R\$50. Mas teve direito... Aí arranja o clube, cedem tudo para gente. Quando vem aqui é a mesma coisa. Eles fretam o ônibus dele, as passagens dele, o café da manhã deles. Aí aqui a gente dá o almoço, dá o local, faz a brincadeira. E dá o campo, dá o árbitro. A gente se fecha sempre nisso. Às vezes a gente dá o café da manhã, quando a gente vê que o time não tem condição, e a gente já tem. A gente vai lá: não, não tem problema, um ajuda o outro. A gente faz um café da manhã. Tanto para o nosso, que a gente também ver o nosso lado porque como a gente sempre marca cedo, 09h00. E tipo assim, as gays não moram próximo uma das outras. Tem gay que vem do interior do estado para jogar com a gente porque fazem parte mesmo do nosso time, só que moram para o interior. Que já demoram duas horas para chegar, então tem que sair bem cedo, demoram 01h30. E a gente também tem que ver que tem que alimentar as nossas. Então a gente já faz uma coisa só.



Ligia Dona – Entendi.

Jhonata Nascimento – Aí do jogo, a gente aposta. Para não ficar aquela coisa assim, sem graça, "bora [sic] apostar. Para colocar para ferver, para dar ânimo para o público. Aí a gente aposta 200, 500, no máximo.

Ligia Dona – Legal. E deixa eu te perguntar. Eu vou voltar um pouquinho naquilo que você comentou lá no início, talvez. Mas quem é o principal rival do Barcemonas? É o Divas? Ou é outro time? Tipo, assim como se fosse um clássico?

Jhonata Nascimento – Antigamente, era o Divas. Hoje em dia é as Unicórnias, que é da cidade de Bragança.

Ligia Dona – Bragança é aí no Pará também?

Jhonata Nascimento – Sim, 05h00 de viagem.

Ligia Dona – Legal. E me fala um pouquinho agora... Você começou a falar, mas acho que a gente não estava gravando ainda, mas me conta um pouquinho da história da mascote para gente?

Jhonata Nascimento – Ah, tá! Primeiro veio a Monacletty Jr. A gente fez tudo, comprou ela. Foi assim, foi uma ideia do nosso presidente. Então está na camisa. Aqui tem a unicórnio no nosso escudo. Então a gente resolveu, com a ideia dele, trazer isso à tona de alguma forma, para alegrar mais, para encher mais os olhos das pessoas. Que a gente sempre fala assim: a gente gosta de arrasar, a gente gosta de tombar, então "bora" [sic] fazer aquilo para lacrar mesmo e fazer de tudo para que todos gostem! Aí veio a Monacletty Jr. que ela foi acima de 100. Foi bem carinha, mas deu certo. E aí a gente fez o mantinho para ela. Então ela já tem o que? Foi desde setembro do ano passado. E inclusive tenho que dar um banho nela que ela já tem uns três jogos sendo usada. Aí a gente acabou vendo numa novela, acho que foi nessa que repetiu das nove, se não me engano, ou das sete. A gente viu uma unicórnio ou algo relacionado com mascote. E eu joguei no grupo. Aí o Levy ele é muito persistente nas coisas.

Quando ele quer uma coisa, ele faz, ele vai atrás. Como ele mesmo fala, ele move montanhas pelo nosso time, e pior que ele faz mesmo. E isso aqui, nossa, foi R\$1500. Então, olha, imagina a gente que não tem ajuda de nada. E tem a roupa dela só que está guardada. Inclusive eu preciso lavar.

Ligia Dona – Adorei.

Jhonata Nascimento – Aí a nossa Monacletty, a gente mandou fazer e ela ficou pronta em menos de um mês. O rapaz que a gente conseguiu contato... Só que antes disso, a gente estava vendo como conseguiria de outra forma, sei lá pelo MercadoLivre, só que estava R\$1700. Então ela saiu uns R\$200 mais baratinha [risos]. Aí o rapaz ele deu a certeza: olha, eu faço uma coisa legal para vocês, do jeito que vocês quiserem, podem confiar. Ai a gente confiou. Ele já era uma pessoa da nossa confiança. Então, essa cabeça dela é toda de gesso, com pelinhos aqui. Ai tem a peruca, tem o chifre. Aqui tem a telinha que dá para olhar de dentro. Aqui é o nariz dela, a boquinha, tudo em pelinhos. Desse outro lado tem um coraçõzinho. Dá para ver bem o olhinho dela? Olha. Aí é mesmo quando tem jogo e a gente vai e arrasa com ela para o público.

Ligia Dona – Adorei.

Jhonata Nascimento – Nossa, é a sensação do momento. A gente fez semana passada uma reportagem para a emissora local, que é a RBA, no canal treze aqui. Então, só que ficou de passar na sexta, ontem e hoje. Não passou. Mas amanhã é o dia mais certo para passar. Só que aqui as 06h30 é o programa da manhã. Então a gente vai acordar bem cedo para não perder. E surgiu a Monacletty, nossa mascote. A gente puxou... Com toda a nossa informação, até mesmo minha que eu fui buscar. Eu não tenho vergonha de dizer, mas também não é um modo de se achar. Mas é que a gente tem orgulho. E eu digo assim é uma das primeiras mascotes. Se bobear, eu acho que é a primeira mascote humana LGBT no meio do futebol gay, do futebol. Porque imagino que em outras áreas, em paradas LGBTs devem ter algo parecido. Então já não incluo. Mas no meio do futebol gay, de tudo o que eu já vi pelo Instagram, de times do mundo inteiro LGBTs, eu nunca vi nada parecido. Mas para eu não falar que é o primeiro, para

não falarem que a gente é nariz empinado, a gente fala que é uma das primeiras. Então a gente cuida dela como se fosse um bebezinho porque é todo cuidado possível. Graças a Deus que ela não está nada pretinha ainda.

Ligia Dona – Não está sujinha. Adorei!

Jhonata Nascimento – Não, eu cuido super bem dela. Coloco para ela para pegar sol, para pegar um sereno a noite.

Ligia Dona – Está pegando mais sol do que eu, se duvidar. Porque ultimamente, gente. A gente está fazendo o home office, então a gente só sai de casa em alguns momentos aqui em São Paulo. Ainda está meio conturbado. Mas já que você já falou que o pessoal se empolga muito de ver a mascote nos jogos, enfim, eu queria que você me contasse um pouco dessa relação de vocês com o público que vai assistir. E se vocês têm torcida, uma torcida que sempre acompanha vocês, que pode ter produzido algum canto para vocês, enfim. Tem isso?

Jhonata Nascimento – Lógico. Nossa, somos chatérrimas, a gente quer tudo! A gente está providenciando música também. A gente não para. Então, sobre nossa torcida, a gente tem sim uma torcida fiel. E como a gente é um time fundado em Ananindeua, na cidade vizinha de Belém, então a nossa torcida fica praticamente... É de lá, assim, aquele núcleo. Porque o time é dali, então ali a nossa torcida fiel. Qualquer jogo que a gente faça em qualquer lugar, até mesmo em passeio ou na região metropolitana e outros espaços, vão com a gente. E a gente costuma falar que eles que são nosso gás. Costuma não, a gente fala porque é certeza. Eles que são a nossa força. Sem nossos torcedores, não seríamos nada. E a gente faz tudo isso para eles. E eles amam cada vez mais. Então, gente que nem conhece ainda a gente. A cada comentário sabe que a gente vê nas nossas redes sociais. A gente sente que é com muito carinho, com muito amor porque assim... Eu dou o exemplo de Vigia agora. A gente foi para lá a primeira vez e a gente sabia que lá o público queria muito conhecer a gente. A gente já estava com toda essa repercussão antes do jogo, estava rolando no nosso grupo pelas redes sociais, né? E a gente foi lá, fez só sucesso. Por onde a gente passa. Sério. Graças a

Deus. Nossa torcida assim, tanto fiel quanto aqueles simpatizantes, e aquelas pessoas que querem conhecer a gente, não deixamos elas a desejar. A gente vamos lá, mostramos o que somos e damos drible, damos close para elas verem mesmo e se empolgarem junto com a gente. Transmitirem a emoção que a gente transmite para elas. Mas assim, qualquer lugar que a gente vá, é até uma coisa nova. Tem muitos lugares ainda que a gente não foi, nem muita gente conhece a gente pessoalmente, mas tem muita ainda que quer conhecer. Então cada cantinho que a gente vai, a gente puxa um público daquele canto, aquele bairro, aquele município do interior, então, se juntam ali tudo. Nossa, como eu amei conhecer vocês, eu já adorava, agora eu amo mais ainda. É cada comentário assim que a gente se sente tão privilegiado, tão honrado. Emociona muito. Nossa, graças a Deus, graças a Deus mesmo, tudo está dando certo.

Dóris Régis – Jhonata, agora eu volto e as perguntas que eu vou fazer agora elas são relacionadas a participação em campeonatos, tá? A gente "stalkeou" [sic] vocês, claro, antes da entrevista para pensar nas perguntas e tudo mais. E nós vimos em uma matéria do Globo Esporte que vocês estavam se planejando para participar da Champions LiGay que não rolou. É... Ela já tem uma data prevista para acontecer? E como que vocês chegaram até ela?

Jhonata Nascimento – Então, como chegamos, eu vou falar primeiro. Lá em 2018, ainda quando comecei a conhecer o futebol gay, eu fui pesquisar mais sobre. E eu vi tudo isto no YouTube, na internet, eu ouvi sobre o Champions LiGay. Então eu amei! Eu amei mais ainda em saber que existe isso nacionalmente. E eu sempre queria chegar lá. Eu falei: nossa, eu vou tentar levar o Barcemonas para lá. Aí veio o Everton. E o Everton já era uma pessoa mais engajada e ele foi quem nos colocou lá dentro. Conheci todo aquele pessoal da LiGay que se renovou também da época de lá para cá. E então de 2009 até hoje, a gente está assim, no meio da LiGay. Hoje, a gente já é filiado da LiGay, graças a Deus. E só falta mesmo ter a competição. Como antigamente, que era regras para poder estar lá e participar, levar o time. Só que de uns tempos para cá mudou. Outros projetos iniciaram e que melhores ainda. E dá mais chance para

qualquer time entrar do que antigamente, que precisava esperar muito. Então já vai ter campeonato regional. Vai dar um pontapé de tudo: dos regionais, aí para poder se classificar para a LiGay. Até então, no regional do Norte, aqui os que estão filiados na LiGay são: Barcemonas, Damas de Ferro, Divas e Unicórnias, aí têm as Manauaras e as BallCats de Manaus. Seis times brigando por uma vaga. Só que tudo voltado para o Fut7 e que ficou essa uma vaga para o Norte, nessa primeira edição que vai acontecer. Possa ser que nas próximas vá mudar, aumentar esse número de classificação para a LiGay em relação ao regional aqui no Norte. Então ainda não se sabe onde vai acontecer regional. Vai ser em Manaus ou vai ser em Belém. A gente quer sediar, mas a gente está vendo que é muito, muito, muito, muito gasto. E a gente iria ver se ia conseguir trazer para cá. Até mesmo para gente não ter um gasto de novo de ir para Manaus, porque passagens caríssimas. Mas que foi também maravilhoso, tipo ir até lá, viver a experiência única de até mesmo de andar de avião, de conhecer outra cidade, de sair do Estado e representar. Então a gente está tentando trazer para cá. Mas onde ficar, a gente vai ter que meter a cara e ir para representar o nosso time e chegar lá na LiGay. Que vai ser em São Paulo a próxima. Seria ano passado, não vai ser. Mas aí eu acho difícil também acontecer esse ano, porque vai ficar uma coisa muito em cima. A gente já está em maio, então a LiGay tem que conseguir todo aquele patrocínio por trás né, uns seis meses antes. Provavelmente 2021 role a LiGay aí. E, se Deus quiser, a gente ganhando o regional também, a gente vai estar lá também. Também a gente não sabe se o regional vai acontecer esse ano. Eu acho que também não. Possa ser que tenha aí uma brechinha que aconteça, que ainda dê certo. Mas talvez nem seja todos os regionais. Mas aí vai ficar tudo para o ano que vem para acontecer. Que eu estou muito ansioso para chegar lá.

Ligia Dona – Amiga, posso te cortar rapidinho... É que o Jhonata falou uma coisa que me lembrou algo que eu tinha que ter perguntado e eu esqueci. O Barcemonas, é só de fut7 ou também tem outros times, tipo o time de vôlei? Porque eu fiquei um pouco confusa, se você começou a jogar no Barcemonas no time de vôlei, ou se foi pelo fut7.

Jhonata Nascimento – Não, não. Vôlei mesmo eu joguei em outros clubes e jogo pelada também. Mas o Barcemonas ele é só futebol. O único esporte que ele traz para o público LGBT aqui no Pará é só o futebol gay.

Dóris Régis – Beleza. Então agora eu volto de novo [risos]. Você mencionou a questão da regional, que talvez não aconteça esse ano. Vocês participam da organização dele? E aí eu já emendo, né, está tudo ali na mesma temática, além dos amistosos e desse campeonato, outros vocês também participam?

Jhonata Nascimento – O campeonato daqui da região metropolitana a gente, na verdade, ainda não meteu a cara em nenhum. Não participamos ainda de nenhum campeonato aqui no Pará porque a gente primeiro vai atrás de um patrocínio. Só que a gente acaba não conseguindo. Então, a gente cancela automaticamente. Teve recente agora que a gente ia colocar o time num campeonato tão bem falado de Ananindeua e muito disputado, por sinal, que era em campo. A gente ia ser o único time LGBT no meio, pela primeira vez. Mas aí não deu certo, a gente não conseguiu novamente apoio. Que a inscrição era altíssima e tinha que dar cota por jogo. Se bem que valeria a pena. Mas assim, a gente não conseguiu, então não colocamos o time. Em relação a torneio, a gente já participou de um que é em Nova Olinda. É 07h00 de viagem, bem longe mesmo, no interior do estado, quase na divisa com o Maranhão. Então, lá foi um torneio LGBT que praticamente é uma trans que organiza nessa cidade e ela organiza meio que uma parada LGBT lá. Tendo o esporte, futebol gay, e tendo a festa, né? Lá ela consegue bastante coisa e tudo mais, faz uma coisa bem legal, uma festa bem “babadeira” [sic]. Então a gente foi convidado pela primeira vez em 2019. E a gente foi. E era futsal. E teve encontro de oito times gays do Pará. E a gente foi como zebra, porque nosso time jogava arenas, sintético, campo, mas em quadra era difícil a gente jogar. Então, mas sempre jogávamos calçada. E a gente foi como zebra mesmo. Até porque, na época, os times do interior eram muito fortes em futsal. As gays jogavam muito futsal, até hoje jogam no interior. Então foi, foi que a gente foi avançando e a gente foi campeão em cima de um dos favoritos. E fomos campeões. E foi uma festa enorme, toda aquela gritaria, agitação. E ganhamos um troféu. Teve o valor também.

Aí depois teve a festa, tem concurso de miss, cada time leva uma miss para representar. Mas aí ano passado não rolou. Esse ano não sei ainda, mas "bora" [sic] ver. Só que se rolar esse ano já não vai ser futsal, vai ser futebol de campo porque aqui meio que mudou. Não está mais rolando muito jogo em arena ou até mesmo quadra. Time, como já está vindo muito LGBT para os times, aí está encorpando, aí está ficando muita gente já estão colocando os times em campo para dar aquela visibilidade maior.

Dóris Régis – Depois você tem que mandar para a gente as fotos, viu? De vocês com a medalha.

Jhonata Nascimento – Sim, sim. Assim que acabar essa gravação eu irei mandar. Pode deixar.

Dóris Régis – Legal, porque aí a legenda já está pronta aqui. É...

Jhonata Nascimento – Arrasou.

Dóris Régis – Contra para a gente [risos]. Conta para a gente um pouco sobre como é esse antes e depois dos jogos que você me falou da festa, do concurso de miss, como é que é?

Jhonata Nascimento – Esse era do evento lá em Nova Olinda, que é na fronteira com o Maranhão, quase. Mas aí nos jogos, passeios, amistosos até mesmo com times héteros quando recebem a gente, eles adoram... A gente presa por se confraternizar e pela união. A gente não vai lá só por jogar, só para fazer aquilo e uma virar a cara para outra, estar aquele clima "uó" [sic]. Não, a gente quer união. A gente quer ali mesmo lutar tanto dentro do futebol, quanto fora. Dentro do campo, quanto fora. Então a gente marca os passeios, a gente vai para fora. Depois do jogo, tem um almoço. Então "bora" [sic] se divertir e a gente sempre separa ou um balneário, ou um igarapé, ou um clube ou na praia. E ali faz aquela mistura toda, aquela toda agitação. E faz vídeo e dança. Rola aqueles amassos, de umas que adoram se amassar. Aí volta no ônibus e vem aquela barulheira no ônibus, aquela diversão toda que só falta derrubar o ônibus. Então, aqui, quando a gente recebe também, é a mesma coisa. Depois tem o jogo, tem

o almoço. Vem um local muito bom para gente receber porque toda vez que a gente foi recebido nos interiores, a gente foi recebido muito bem. Então a gente quer receber eles também muito bem. E é isso. A gente preza pela diversão. Eu só fiquei assim, vou ser bem sincero. Eu só fiquei um pouco chateado porque quando a gente foi em Manaus, falaram 1000 maravilhas para gente. Mas não foi tudo isso. Mas quando for aqui vai ser totalmente diferente. A gente vai mostrar como se faz um jogo, uma festa e como é que se faz tudo babado.

Dóris Régis – A nossa grande frustração desse projeto é não poder ir conversar com vocês presencialmente. Porque seria incrível.

Jhonata Nascimento – E também em relação a... A gente tem a nossa musa. Não sei se vocês já viram nossas redes sociais, é a Jennifer, é uma trans. Ela teve de 2000... De 2019, antes mesmo da gente ir para Nova Olinda, para o torneio que precisava levar. A gente foi atrás de umas, não deu certo. Então, como a Jennifer, era uma trans que já estava no nosso meio, só que ela não joga futebol. Então, "bora" [sic] transformar a Jennifer numa musa. E ela até hoje está sendo nossa musa do time. Detalhe quando foram nossos 11 anos em agosto, que vai ser num sábado para domingo, a gente está querendo fazer um desfile, mas assim a festa vai ser só entre a gente. Tanto o time gay quanto o time feminino, que a gente tem. Só que o time feminino tem um pouco menos de existência que foi lá em 2016 e lá na época era time As Favoritas. E hoje em dia a gente trocou para as Barcemonas de 2019 para cá. Aí a gente tá querendo só fazer uma festa só entre a gente. E lógico, o nosso aniversário, e vai fazer um concurso. Então, até agora tem sete candidatas. A gente vai fazer todo aquele show, todo aquele glamour, com desfile de gala, vai dar a premiação para candidata que for campeã, tanto de primeiro quanto de segundo. E vai se chamar Garota Barcemonas 2021. E ano que vem a gente faz de novo e ano que vem a gente faz de novo. Aí vai ter a musa e vai ter a garota. Só que a nossa musa é a trans, a nossa garota vai ser ou uma trans ou uma gay, né, que vai ali fazer... E mais a Monacletty. Vai ficar o trio [risos].

Dóris Régis – Muito bom. Você sente que no futebol LGBTQIA+ todo mundo que faz parte da sigla participa? Ou você acha que tem algum segmento da sigla que fica com



vergonha, mais tímido de participar? Se existe alguma relutância, sabe? Ou você acha que a galera como um todo participa?

Jhonata Nascimento – Sim. A gente preza para acolher todos, mas a gente sente principalmente daquele bi, ainda mais um bi que tem mulher que tem no nosso meio. Mas aí a gente percebe ali que a gente acolhe eles super bem. Ele quer jogar com a gente? Ok, ele vai jogar, mas ele fica na dele depois daquilo. Mas a gente vê que não é uma coisa à vontade, porque também tem aquelas bichas inseridas, né? Então, também ainda tem isso dele não ficar mais à vontade. Mas aí a gente tem uma conversa, a gente fala: gente, "bora" [sic] respeitar, isso e aquilo. Uma coisa normal. Acontece. Mas a gente percebe que do bi tem aquele certo receio, ainda mais porque tem mulher. E depois eu acho que na cabeça dele rola aquela avacalhação, não aquela pressão, por avacalharem né ainda. Mas aí a gente tenta ajudar. Então, te decide. Se tu é isso, então mostra que tu é isso. Para de ligar para os outros, "bora" [sic] com a gente, se joga com a gente, deixa o povo para lá. Da tua cara e é isso, pronto. Não interessa se tu tem tua mulher. Se tu tem ótimo, ela é tua, né? Agora de trans é normal, homossexual também. Nosso time feminino, a maioria também é lésbica. E todas também são... A maioria também são casadas. E assim pansexual e intersexual, queen. Tem sim as queens que se transformam. Tem um pouquinho de cada dentro da gente, de mim. Por exemplo, eu posso ser uma intersexual. Um pouco... Ou uma outra. Mas não tem ali essa sigla exclusiva. Ah, a gente tem ali uma atleta que é só intersexual. Ou então a LGBTQIA ou assexuado. Ah, aquela só é assexuada. A gente não tem exclusivo ali, mas num pouquinho de cada a gente encontra ali uma gotícula dessas letras. Dessas outras.

Dóris Régis – Muito bom. E qual é a diferença para você... As principais de jogar contra um time LGBTQIA+ e jogar contra um time heterossexual?

Jhonata Nascimento – Mas é como o que?

Dóris Régis – Quais são as principais diferenças assim para você? Quando você vai jogar contra um time hétero e um time LGBT?

Jhonata Nascimento – A principal é a torcida. Porque a torcida do time hétero já tem uma boca mais solta para o nosso lado, né? E quando se junta a torcida dos dois times LGBTs já sabe que aquilo ali vai ser uma [incompreensível] só. Agora, quando a torcida do hetero vê a gente já parece uma coisa diferente. Aí já começam os xingamentos, umas palavrinhas ali que não deve, né? De: aí, "viadinho", olha, perdeu para isso, olha só. E assim vai. Só que a gente não liga. Agora, outra coisa assim de... A gente vê também que o time hétero não gosta de perder, principalmente para gay, como falam. Não vou perder para gay para depois estarem me avacalhando. Então rola também dentro do campo deles estarem ali naquela pressão de virem com maldade e tudo mais para cima no jogo. Isso no jogo LGBT a gente já não vê. Não vou falar que é um jogo muito passivo, não. Tem as suas faíscas, mas é diferente. Acho que são pouquíssimas coisas, mas aos poucos está mudando. Graças a Deus.

Dóris Régis – E aí eu ia fazer a minha última pergunta no momento em que o cachorro da vizinha começa a latir, desconsiderem. A sigla que a gente usa no projeto é a LGBT+. Qual que vocês costumam usar? Você acha que tudo bem a gente continuar usando essa?

Jhonata Nascimento – Não entendi, por favor, repita.

O nome do nosso projeto Diversidade em Campo, Futebol LGBT, mas a gente usa essa sigla LGBT+. Você acha que tudo bem? Ou você recomendaria que a gente usasse uma outra sigla?

Jhonata Nascimento – Então, o mais tá ali mostrando que tem outras letras. Não tem problema, não. Como surgiu essas outras... Eu, particularmente, se usar só LGBT para mim estava bom. Mas tem gente que já coloca o LGBTQI, LGBT+, LGBTQ, usa de qualquer forma. Mas é o mesmo significado. Mas só que tem gente que já não conhece, que teve uma mudança totalmente diferente. Então, para levar essa mudança, se fosse todo extenso, seria melhor: LGBTQIA+. Se não for muito grande também para vocês.

Ligia Dona – Então agora eu vou...

Jhonata Nascimento – Ainda tem o P, né, gente que é LBTPQIA+. Pansexual.

Ligia Dona – Olha o P para gente é novo, inclusive.

Jhonata Nascimento – Sim, sim. Eu vi isso no YouTube num vídeo da Lorelay Fox.

Ligia Dona – Ai, adoro, conheço. Adoro quando as referências batem.

Jhonata Nascimento – Ai adoro. LBTPQIA+.

Dóris Régis – Já anotei aqui.

Jhonata Nascimento – E ainda não teve aquela entrada oficial ali, mas se vocês usarem todo, eu acho bem mais interessante.

Ligia Dona – Beleza.

Jhonata Nascimento – Querendo ou não, é a mudança, né?

Ligia Dona – Obrigada, Jhonata. Eu voltei de novo porque agora a gente já está finalizando a nossa entrevista e aí antes eu queria saber, a gente vai ter mais três perguntinhas. Mas Ana, se você quiser perguntar alguma coisa, senão posso seguir? Então, tá bom. Agora a gente vai para um momento emocionante, quase um momento Xuxa como a Dóris mencionou no começo. Mentira, para gente é um pouco, mas você que vai dizer se é. Olha o carro do gás chegou, gente, eu vou fazer a pergunta logo. Se você pudesse sintetizar o que o futebol significa para você, como você sintetizaria?

Jhonata Nascimento – Amor. Vida. Luz. Alegria. União. Ai gente, [incompreensível] emoção. Daquela lembrança, meu Deus do céu. É isso, gente, principalmente o amor e a união. Porque precisa mais, a gente tem isso em nossos corações, ainda mais num tempo desse que o mundo passa. A gente tem que levar só as coisas boas e trazer também. E o que fica é isso. A palavra principal é amor, o amor é tudo.

Ligia Dona – Adorei, gente, mas o carro de gás ainda está aqui. Vocês estão ouvindo o barulho? Estão, né. Eu vou fazer a pergunta rápido.

Jhonata Nascimento – Não, eu não tô.

Ligia Dona – Não? Que bom. Aquelas. A outra pergunta é: se a gente fosse criar uma sala ou uma exposição no museu sobre o tema, sobre diversidade. O que você acha que não poderia faltar nessa exposição? Tendo em vista esse projeto, enfim, essa pesquisa que a gente está fazendo, essas entrevistas todas.

Jhonata Nascimento – O que não pode faltar. Aquela bandeira LGBT ali atrás para colorir. O principal.

Ligia Dona – Beleza. Agora não é uma pergunta, na verdade. Enfim, se a gente esqueceu de perguntar alguma coisa ou se você quiser falar alguma coisa assim para finalizar que você acha importante, fique à vontade. E é isso.

Jhonata Nascimento – Aí. Eu falei de tudo um pouco. Ai, gente é uma luta muito grande. E olha, lidar com um time gay não é fácil. Não é nada fácil. É pior do que lidar com o time hétero ou time feminino, ainda mais em condições que se encontram. É eu puxo pelo nosso time. Muitos não trabalham, né? Por isso que a gente vai atrás, a gente coloca a cara no sol mesmo para conseguir nem que seja para conseguir R\$5 em apoio, em patrocínio, mas que já vai ajudar muito. Porque a maioria do nosso time não trabalha. Então a gente tenta ajudar a todos de qualquer forma, para não faltar naquele jogo, para não deixar de estar no nosso meio. E isso é muito gratificante no final, porque a gente vê o sorriso de cada um, a alegria, a união. A gente sabe que eles gostam de estar ali, que é onde eles se sentem bem. Então e eu falo por mim. Nossa, termina um jogo, eu já estou com saudade, quero que venha logo outro. Mas é muito difícil, mas a gente não deixa se abater, não abaixa a cabeça, né? Somos normais. Não é porque estamos tendo essa conversa que: ah, somos as estrelas, o LGBT tem que ser mais visto, nossa que coisa grandiosa. Não, a gente só é normal, é só uma causa, assim como tem causas de outras coisas. Mas todo mundo é normal. Cada um só leva uma causa por alguma coisa dentro da sua vida que se encaixa. Mas todo mundo é normal. Todo mundo tem vida, é um ser humano e tem sentimentos, que tem que seus pagamentos no final do mês para fazer. Ai gente, mas se abaixar a cabeça para

qualquer coisa, a gente não consegue nada. Até mesmo na nossa vida pessoal. Se a gente for desistir, melhor a gente entregar a vida e morrer, então eu não quero fazer isso. Vou continuar lutando até o fim.

Ligia Dona – Adorei, Jhonata. Obrigada demais por ter aceitado participar com a gente. Desculpa que a gente enrolou um pouquinho para marcar essa entrevista, mas é porque...

Jhonata Nascimento – Imagina, eu que peço desculpa pelo atraso. Perdão.

Ligia Dona – Imagina, não. É porque a gente mandou mensagem para você no começo do mês... Começo do ano, né. E aí enfim, aí a gente conseguiu duas entrevistas, aí depois falamos: não, trimestre que a gente faz. É porque estava uma correria no museu. Ainda tá, mas deu tudo certo.

Jhonata Nascimento – Eu sei como é essa correria.

Ligia Dona – Gente, olha o gás. Eu adoro o cara do gás, que na hora que eu estou falando ele aumenta o volume. Mas enfim, eu queria agradecer muito pela sua participação e vamos manter o contato. Me manda as fotinhos depois. Eu vou te mandar também dois terninhos para assinar, um de autorização da sua imagem e voz que está sendo gravada nessa entrevista. Um outro que é para autorização de uso das imagens que você vai mandar. Porque tudo isso a gente vai catalogar no nosso banco de dados. Depois eu vou te mandar você conhecer. Eu acho que eu falei um pouquinho dele. Ele é uma plataforma de pesquisa que a gente tem do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, que é o setor do Museu do Futebol, responsável por essa pesquisa. E lá a gente cataloga times, jogadores, enfim, livros, várias coisas. E muitas pessoas usam essa plataforma de pesquisa, então é uma forma da gente também retornar para o público isso que a gente está pesquisando, né? Enfim, daí são várias coisas. Se você quiser, enfim, em algum momento, falar assim: ah, eu não quero que vocês divulguem tal parte da minha entrevista, não quero que ela seja pública. É só falar com a gente que a gente tira. O arquivo original fica guardado com a gente no museu. Mas assim, quando for ser veiculado, porque a gente tem fé que um dia a gente vai conseguir criar

alguns produtos legais ou exposição ou podcast, enfim, vamos ver o que vai ser. E aí essa parte não vai ser publicizada. Tá bom?

Jhonata Nascimento – Aham, entendi tudinho, muito obrigado.

Ligia Dona – Meninas querem falar alguma coisa?

Dóris Régis – Eu quero agradecer. Foi superlegal a entrevista, gostei bastante. Espero que você tenha gostado também. E sobre e sobre as imagens...

Jhonata Nascimento – Eu fiquei muito leve, fiquei muito solto. Muito obrigado.

Dóris Régis – Não foi ótima. Imagina. Sobre as fotos. A Ligia mencionou o termo de autorização. Com a autorização de vocês, a gente pode usar essas imagens, por exemplo, nas nossas redes sociais ou para produzir exposições. Claro que a gente vai mostrar para vocês. Não vamos usar e ok, não preciso avisar para eles. Não, a gente entra em contato avisando. Mas é isso, só se vocês autorizarem, claro.

Jhonata Nascimento – Obrigado, viu. Beijão.

Ligia Dona – A gente que agradece.

Dóris Régis – Obrigada.

Jhonata Nascimento – Tem três carinhas, estou mandando um beijo para cada [risos].

Dóris Régis – Tchau, tchau.

Ana Fidelis Obrigada, Jhonata, foi ótimo.

Jhonata Nascimento – Meninas, se cuidem, cuidem da família, tá?

Ligia Dona – Você também. Obrigada, gente! Um beijo.

Jhonata Nascimento – Beijo.

Dóris Régis – Tchau, tchau.

**[FIM DO ARQUIVO]**